

Peregrinação pelos colégios municipais desestimula Marcelo

PEDRO BUTCHER

Marcelo Gomes Fernandes, morador do Conjunto Esperança, favela situada na região da Maré (subúrbio da Leopoldina), entrou para a escola com 7 anos. Sua mãe conseguiu uma vaga na Escola Municipal Teotônio Vilela, a mais próxima de sua casa e a mais disputada da região. Ele começou a fazer o curso de alfabetização (o C.A.), mas teve problemas de disciplina. Por isso, não conseguiu ter um bom aprendizado. Já com 10 anos, depois de ter trocado de escola duas vezes, Marcelo ainda estava na 1ª série. Desistiu depois que abandonou a Escola Municipal João de Camargo, em São Cristóvão, e não conseguiu voltar para a Teotônio Vilela. "São Cristóvão era muito longe, apesar de ser perto da casa do pai dele. Tinha medo de deixar ele sozinho lá. Marcelo teria que voltar de ônibus e eu não confio nele", explica sua mãe, Maria Alice Dias Gomes.

Castigo — Hoje, o garoto está fora da escola e Maria Alice preocupada com seu futuro: "Para mim, isso é um castigo", desabafou. A mãe explica que seu filho não foi aceito de volta pela diretora da Teotônio Vilela por causa da indisciplina. Marcelo está tendo aulas na escolinha informal, mantida pela Associação de Moradores do Conjunto Esperança. Só agora ele aprendeu a escrever o seu nome completo. "Antes só assinava Marcelo Gomes, sem o Fernandes", conta Maria Alice.

Marcelo diz que não tem nenhuma boa lembrança da escola e que não sente falta de estudar a sério. "Só ficava de castigo", reclama, depois de reconhecer que não parava de bater nos colegas de turma. "Eles implicavam comigo, eu respondia", justifica. Mas sua mãe acredita que um pouco mais de paciência poderia ter ajudado o garoto. "O professor Dilcinei, da escolinha da associação, está fazendo ele aprender uma porção de coisas", diz.